

o nome da rua

Emily Aragão¹

As palavras ruins de seu vocabulário eram poucas, calculadas, obedeciam a uma métrica para o caso de serem usadas, entendendo que, uma vez lançadas, já não retornam mais. Embora todo esse cuidado não fosse um simples costume metódico, ele vinha em forma de hábito, sempre suspenso sobre os sentimentos, fazendo parte da sua vida como o ato de acordar pela manhã, o temor a Deus e o amor pela fé. O café pelando a língua era amaldiçoado de forma hostil, “ah, desgraça!”, agora o leite que ferve demais é apenas reclamado, “só o que faltava!”, sem muita propriedade, em um resmungo cuspidor. Por fim, o copo quebrado, que escorrega das mãos ossudas, com o anelar marcado pela faixa de pele branca, descolorida, anunciando uma aliança retirada para o serviço entre a esponja, a espuma e a água de uma torneira que respinga. Esse momento, de vidro partido, não é falado, o vazio de seu intervalo é preenchido por um suspiro e logo uma oração começa, pois, se muitas coisas dão errado de uma vez, existe pouco a se fazer sobre elas, além de desejar que todas juntas façam um bem. Mas que bem há na vida? Existe Deus, é claro, e o amor que uma mãe sente pelos filhos, com o primeiro poderia resolver no domingo ou na escola dominical. Lembrou-se das mulheres, as senhoras, com suas línguas tão enormes que nem todo café do mundo seria capaz de queimá-las. Estão sempre cochichando ao padre, assim decidem quais das moças dos grupos lerão os melhores salmos, é fácil perceber, ninguém era rico naquela parte da cidade, mas bons bolos e um filho advogado sempre geram alguma comoção. Ele trabalha no cartório, sua velha mãe foi amiga do padre anterior, o avô havia sido diácono e agora ela regia a paróquia com punhos de ferro. Haviam reformado tudo, posto uma padronagem de gesso e piso de porcelanato onde antes revestiam madeira e cerâmica. Cerâmica colorida e cheia de padrões, lembravam-na do piso da casa quando moça, onde se comprava o revestimento em caçambas para baratear o processo, instalando um mosaico de combinações e estilos aleatórios na sala de estar. Hoje em dia, é tudo gesso e LED, Maria era iluminada por uma luz branca de 3 volts, um pequeno refletor que cegava ela e o menino Jesus. Já não havia madeira nos altares, nem velas de verdade, nem

¹ Bacharelada em Filosofia pela Universidade do Rio Grande do Norte, pesquisadora acadêmica nas áreas de Estética Filosófica e Filosofia da Arte com foco em artes visuais e literatura de vanguarda. Email: emily.aragao.052@gmail.com.

candelabros, ou lâmpadas redondas e amareladas, de quando o silêncio se fazia supremo e era possível ouvir seu zumbido interior.

Estava tudo mudando rápido, seus três filhos iam tomando rumo na vida e dois deles já não moravam mais lá, um sempre voltava, na medida que se juntava com a mulher, também se afastavam e a brigarada tinha início, dia sim, dia não, um caldo das mesmas reclamações que sustentava a relação. Se importaria menos, pois os filhos devem tomar as decisões e são eles que convivem com elas, já não tinha sido muito atormentada pelas suas? Se importaria menos, se isso não afetasse o contato com o seu netinho, ah, que menino mimoso, seus olhinhos espertos e bochechas redondas, ele realizava o ato de fazê-la avó, tinha a impressão de servir bem ao papel de mãe, e tia, mas o de avó oferece um toque mágico e aquele garotinho fazia parte dos seus pensamentos antes do café e antes de dormir, hora em que se pensa as coisas mais importantes do dia. Estava tudo mudando rápido, há o bem no amor que uma mãe sente pelos filhos, poderia tentar dizer o amor que os filhos sentem pela mãe, mas a mágoa que existe na origem do desencontro desse amor a machucava, trazia à memória o entendimento de que apenas amar não é suficiente para amolecer um coração irreduzível. Por isso, Deus vinha antes, ele sim poderia realizar aquilo que ela desejava tanto, romper o laço de confusão e torná-la mais aberta. Desde sempre aquelas crianças a haviam mantido viva, seu amor permanecia forte, refletido em suas orações, mas as palavras, distintas, que se aproximam de um coração petrificado pois escorregam pelas frestas até o centro, essas que lhe faltavam mais. Não conseguia usá-las tão bem quanto sua irmã mais velha, que escrevia cartas belíssimas, ou tinha o gênio agitado de sua irmã mais nova, capaz de brigar com qualquer um, por qualquer coisa. Ela tinha o amor e a fé, pareciam-lhe suficientes. Caso não fosse, pois se há bem na vida, há também, pelo menos, o dobro de mal, só para fazer do bem que existe, apesar de menor, mais forte ainda. Caso não fosse, ela deveria senti-los mais forte, pensá-los mais alto, para fazer com que suas poucas palavras atravessassem a pedra como Deus andou sobre as águas. Tudo estava mudando tão rápido, gostava de pensar que ajudava seu filho mais novo, que ainda morava com ela, sabia que sim, precisava que sim, preparando refeições, enchendo sua garrafa d'água, ele saía para o trabalho e ela se preocupava além da conta, o dobro de mal é muito para um mundo só. Ligava para a filha, conversavam do dia, da noite anterior, diziam das melodias das memórias, as delas e dos outros.

Era preciso deixar a casa, atravessar a cidade para comprar alguns botões. Apenas uma loja tinha os botões corretos no preço certo, adiou tanto essa tarefa e eram só botões, devia comprá-los logo, mas eram só botões, pra que sair de casa? Calçou as sandálias, dada a hora, seu banho tomado poderia servir a uma das duas coisas, hoje seriam os botões, amanhã, talvez ficar em casa. O vestido florido lhe servia bem, fresco para o dia, com dois palmos de comprimento abaixo dos joelhos,

contornava o problema da ausência de mangas com um casaco fino e curto. Tinha outro nome, quase nunca lembrava... Xale, bolero? Ele lhe prestava o favor de jamais mostrar os ombros em qualquer ocasião pública, sendo uma mulher casada, no processo de envelhecer, seu tempo de roupas sem mangas havia chegado ao fim. Cogitou chamar um carro, não lembrava como usar o aplicativo e também tinha pouco dinheiro. Atrapalhar um dos seus filhos só em último caso. Mesmo assim, estava sozinha e, como dito antes, se uma mulher como ela não deve sequer pôr os ombros de fora, muito menos entrar em um carro estranho, de motorista desconhecido. Ouvia tantas notícias nos jornais, mas principalmente na paróquia no fim da tarde, das barbaridades que se faziam com as moças desavisadas, jamais se arriscaria assim, mal conseguia suportar escadas rolantes em shoppings, preferia os caminhos alternativos e o ônibus nunca lhe dava assombros. O dobro de mal sempre significa o dobro de riscos. Havia coisas mais importantes na vida por que se arriscar do que botões.

Uma condução lenta, o motorista ranzinza. Porém o clima estava ameno e o outono era como a primavera, trazia boas chuvas para manter o verde dos canteiros que a deixavam alegre, o laranja nas flores de cosmos, a palidez nos guarujás e o roxo das jitrinas. Qualquer tipo de flor de erva daninha que se espalha entre a rua e o meio-fio, rompendo um terreno baldio, uma zona de terra onde as crianças da região jogavam bola. Esses lugares vinham ganhando fim, mesmo aqui, no bairro onde não se vê muita gente rica, talvez um carro na garagem e um filho formado, nada de muito chique, onde a maioria dos avós nem sabe ler e a educação é um mérito recente. Mas os campos improvisados sumiam, os loteamentos ganhavam lugar e uma mata calma e fechada sobre a duna desaparecia lentamente. Matavam-na, a natureza, a duna, preferia não julgar aqueles que erguiam seus barracões e só tentavam sobreviver com o que há de bem pros outros, pois a eles resta sempre muito pouco. Sentia que dessa vez imperava algo distinto, que não partia das pessoas, as ruas que antes começavam sem nome, ou CEP, agora abriam-se rapidamente entre o vazio e o mato, com riscos projetados para receber um novo condomínio com nome no outdoor antes da primeira laje erguida. Lembrou-se da sua pacata casa, tão pouco sua, emprestada, embora cuidasse tão bem quanto, nunca teve a autoria ou pertencimento, seu nome não constava em nada além do RG, da certidão de nascimento e de casamento. Não muitos anos atrás, ia dormir vendo as telhas, sentia a poeira fina formar camadas no seu rosto pela manhã, dormia benzida pelas brigas dos gatos, como sempre fizera no interior onde nasceu, no qual as fêmeas parecem entrar no cio rápido demais. Essas coisas novas, bonitas e que algumas até invejava, elas mudavam a paisagem, isso por si só não causava tanta reação, o que assustava mesmo era como isso vinha mudando as pessoas. Fechava-se a padaria do velho Inácio, ele voltava pro sertão para se aposentar pela segunda vez, viver tranquilo, ou tentar, depois de ter

criado essa vida na cidade, mas nessa outra parte dela, onde o mundo é um pouco mais calmo e as crianças saíam pra brincar na rua, causavam confusão e dormiam depois do jantar. O tempo dos amigos de verdade e namoros de portão. Tudo mudava muito rápido e ela sabia que não tinha jeito, não era assim tão ingênua, mas temia por si mesma nesse novo mundo, esperava que as borboletas que as flores silvestres da primavera-outono trazem acalmassem seu coração. Dessa forma, Deus não poderia ser tão diferente de uma borboleta, há beleza e sabedoria nelas, desejava que houvesse um pouco disso em si também. O movimento do ônibus lembrava as viagens para o interior, naquelas estradas horríveis desbravadas pelo pinga-pinga calejado, agora, falavam de construir pedágio e uma nova rodovia, mas tudo era muito lento nesse lugar onde o sol castiga, ele toma mais rápido as vidas das pessoas, não de todas, apenas as que ele consegue observar de perto.

Desceu no ponto, muitas casas novas, comércio novo, vidro e decorações arrojadas, tudo para dizer que é caro viver e, se pretende fazer direito, é melhor ir separando a poupança. Não havia resquícios da cumplicidade de um bairro comum, de um rosto conhecido e de uma conversa de bom-dia. As ruas eram asfaltadas mais rápido, o que é bom, a conta de energia vinha mais cara, o que é ruim. Não há forro que esconda as telhas nuas do teto que lhe escondessem também a verdade, retirando a sensação de que algo no mundo passava rápido demais e que agora era apenas inadequada para ele. Talvez os outros se importassem mais com esse efeito, em requintes de pavor, mas ela gostava de reviver e lembrar das lâmpadas amarelas e acender velas de verdade. Sem nenhum problema maior, conformada com tudo desse outro mundo, que, no presente, habitava apenas a sua lembrança. Os cabelos deixou embranquecer, após anos e anos de tintura e retoques. Se sentia jovem e antiga, o que é curioso, num mundo velho e moderno. Chegou onde deveria, deparando-se com um cenário sem rastros evidentes da loja de aviamentos, a mesma onde sempre comprou os melhores botões. Talvez, caso saísse mais vezes de casa, perceberia menos a transformação do mundo externo, como um golpe seco na boca do estômago, se converteriam em pequenos beliscões que logo desvanecem. Sem a tontura e o sufocamento da percepção de súbito. As sobras eram uma sala vazia, sem letreiro, fechada há semanas na qual uma folha de papel anuncia a demolição, sem demais considerações, ou um simples “nos mudamos para...”. O estabelecimento fechou, em pouco tempo daria lugar a um centro comercial, assim como todas as propriedades nessa fileira da rua, todas com o mesmo fim, derrubadas, desaparecidas. Ano que vem será como se nunca tivessem existido. “Pela misericórdia!”, exclamou, com sua indignação beata, pegaria o caminho de casa, reclamaria mais uma ou duas vezes, contando a história para todos que cruzassem seu caminho, estava cansada, seus pés doíam, ficou com frio no fim da tarde. Era o dobro de muita coisa hoje, de uma mudança que faz tudo diferente rápido demais.